

A criação de símbolos na *Psicomaquia* de Prudêncio

Construir um poema com base em estruturas numéricas é um processo já presente na poesia pagã da época clássica¹, mas na Idade Média acentua-se o gosto pela numerologia². A exegese bíblica alegórica atribuía um sentido oculto aos números da Sagrada Escritura, que Agostinho designa por *legitimi*³. No século V Prudêncio escreve um poema épico, em que personifica vícios e virtudes, pondo-os em confronto, e dá-lhe o título de *Psicomaquia*; constrói, assim, a primeira epopeia cristã alegórica, em que está presente, de forma clara e inequívoca, o simbolismo numérico.

Esta alegoria, em forma de epopeia vergiliana, do fortalecimento da fé na alma do cristão está estruturada em três partes: o prefácio, composto num verso diferente do habitual hexâmetro dactílico, próprio do estilo épico; os combates entre as Virtudes e os Vícios e a construção de um templo.

1. Combates

Os combates apresentam três núcleos, formando os três primeiros confrontos um conjunto em que as Virtudes são nomeadas

¹ P. MAURY, *Le secret de Virgile et l'architecture des Bucoliques*, Paris, 1944, p. 71-147; W. A. CAMPS, *An Introduction to Vergil's Aeneid*, Oxford, 1969, p. 51-60.

² E. R. CURTIUS, *Literatura europea y edad media latina*, Mexico, Madrid, Buenos Aires, 1984, «Composición numérica», p. 700-718. Ilustram a importância atribuída à numerologia as seguintes obras: *De doctrina christiana*, de AGOSTINHO; *Liber numerorum*, de ISIDORO DE SEVILHA; *De numero*, de RÁBANO MAURO; entre outras; cf. Henri DE LUBAC, *Exégèse médiévale*, Paris, 1964, vol. 2, p. 7-40.

³ *Vnde apparet non solas temporum quaestiones istis numeris esse soluendas, sed latius patere significationes eorum et in multa proserpere* (Aug., *doctr. christ.* 3, 35, 51).

em primeiro lugar (*pugnatura Fides, Psych. 22; uirgo Pudicitia, Ibid. 41; modesta (...) Patientia, Ibid. 109*); os três combates seguintes têm em comum o facto de primeiro se designarem os Vícios (*inflata Superbia, Ibid. 178; Luxuria, Ibid. 311; Auaritia, Ibid. 454*); o último combate afasta-se dos anteriores por ocorrer *sub pace* e nele participarem todas as Virtudes (*Ibid. 665*). Temos, assim, 3+3+1.

As Virtudes intervenientes perfazem um total de nove: Fé (*Psych. 23, 366, 716*), Pudicícia (*Ibid. 41*), Paciência (*Ibid. 109*), Humildade (*Ibid. 199*), Esperança (*Ibid. 278*), Temperança (*Ibid. 244, 417*), Razão (*Ibid. 502*), Generosidade (*Ibid. 573*) e Concórdia (*Ibid. 644*). Destas a Fé intervém três vezes no poema: no primeiro combate contra a Idolatria (*Ibid. 28-39*), no combate contra a Discórdia (*Ibid. 665-725*) e, por fim, dirige a construção do templo juntamente com a Concórdia (*Ibid. 823-887*). As Virtudes apenas nomeadas são seis: Justiça e Honestidade (*Ibid. 243*), Jejum (*Ibid. 244*), Recato (*Ibid. 245*), Simplicidade (*Ibid. 246*) e Sabedoria (*Ibid. 915*). Na totalidade temos, portanto, quinze Virtudes.

O número de combates travados singularmente entre duas entidades, coincidente, aliás, com o total de Virtudes apenas nomeadas, além de ser um múltiplo de três, é um número perfeito⁴. Segundo Agostinho, Deus levou seis dias a criar o mundo, porque o número seis é perfeito⁵. Na verdade, é sobretudo devido à criação em seis dias que o número significa a perfeição das obras⁶. O número sete, total efectivo de combates na *Psychomachia*, era para os cristãos o número do espírito septiforme prometido pela profecia de Isaías; ele abarca toda a história da salvação—o sétimo dia representa o grande dia do repouso do Senhor depois da criação, o dia do *Sabat* eterno⁷.

Os Vícios são trinta⁸: Idolatria (*Psych. 29*), Lascívia (*Ibid. 42*), Ira (*Ibid. 113, 379*), Soberba (*Ibid. 178*), Fraude (*Ibid. 258, 630*), Imoderação (*Ibid. 311*), Jocosidade e Petulância (*Ibid. 433*), Desejo (*Ibid. 436*), Pompa (*Ibid. 439*), Sedução (*Ibid. 441*), Discórdia (*Ibid. 442, 667*), Volúpia (*Ibid. 444*), Avareza (*Ibid. 454, 481*), Intemperança (*Ibid. 455*), Ansiedade e Fome (*Ibid. 464*), Medo (*Ibid. 454, 629*), Angústia, Perjúrio, Palidez, Corrupção, Dolo, Mentira, Insónia

⁴ *completus suis partibus* ou *omni ex parte sibimet respondens* (AUG., *Gen. ad litt.* 4, 2, 2); cf. 4, 7, 13; *ciu.* 2, 30; *trin.* 4, 4, 7-8; 4, 5, 9.

⁵ AUG., *doctr. christ.* 4, 7, 13-14.

⁶ Henri DE LUBAC, *Op. cit.*, p. 20-21.

⁷ Henri DE LUBAC, *Op. cit.*, p. 21-23.

⁸ Precisamente o dobro das Virtudes que enumerámos.

e Torpeza (*Ibid.* 465), Euménides (*Ibid.* 466), Fadiga e Violência (*Ibid.* 629) e Crime (*Ibid.* 630).

Discordamos, assim, de J. Bergman⁹ e M. Lavarenne¹⁰ que defendem que o poeta desenvolveu os vários combates por puro acaso ou «seguinto os caprichos da inspiração»¹¹.

2. O prefácio

- O patriarca fiel na primeira senda da fé,
 Abrão, na tarde da vida pai de uma descendência abençoada,
 cujo nome foi alargado pelo acréscimo de uma sílaba,
 (Abrão para seu pai, por Deus Abraão chamado),
 5 ele que ofereceu como vítima o filho da sua velhice,
 e nos ensinou que, quando alguém quer sacrificar ao altar,
 é o que se ama, o que se estima, o que é único,
 que de bom grado se deve oferecer a Deus, em quem se acredita,
 aconselhou-nos a combater contra descendentes ímpios
 10 e deu-nos exemplo persuasivo
 de não gerarmos descendência de matrimónio,
 aprazível a Deus, tendo por mãe a Virtude,
 antes que o espírito aguerrido tenha vencido
 em sucessivas eliminações os monstros do coração servil.

⁹ J. BERGMAN, *Aurelii Prudentii carmina*, CSEL 61, Viena, 1926, p. 27. M. Smith, *Prudentius' Psychomachia. A reexamination*, Princeton, New Jersey, 1976, embora fale de uma simetria no poema, aproxima-se das opiniões de J. Bergman e M. Lavarenne quando declara «the order of battle is chaotic» (p. 125).

¹⁰ M. LAVARENNE, *Prudence. Psychomachie. Contre Symmaque*, vol. 3, Paris, 1948, p. 10-11, sustenta a seguinte tese, fundamentando-se na autoridade de Bergman: «Comme le remarque Bergman, Prudence a du commencer par vouloir représenter une suite de combats assez courts. Chemin faisant, il s'est laissé entraîner par son sujet, il a suivi les caprices de son inspiration, il a accueilli avec complaisance les développements nouveaux qui lui venaient à l'esprit, et peu à peu le duel rapide, tel que celui de la Foi contre l'Idolâtrie, s'est transformé en une lutte de plus en plus longue, de plus en plus compliquée par maint détail et maint discours. La question des proportions ne s'est pas posée à l'auteur: nous avons déjà fait remarquer qu'il n'avait guère le sens de la mesure. En somme, au lieu de se mettre au travail sur un plan nettement établi d'avance, il a simplement «improvisé» sur un thème qui l'avait séduit».

¹¹ S. NUGENT, *Vice and Virtue in Allegory: reading Prudentius' Psychomachia*, PHD Cornell University, 1980, p. 90-9, apesar de desenvolver algumas opiniões susceptíveis de crítica, afasta-se da tese de J. Bergman e M. Lavarenne.

- 15 Aconteceu que reis aguerridos venceram e capturaram
 Lot¹², que habitava nas cidades pecadoras
 de Sodoma e de Gomorra, onde residia como estrangeiro,
 gozando das honras do renome do tio¹³.
 Advertido por funestas notícias, Abrão
 20 ouve dizer que o seu parente, por um revés da guerra,
 fora capturado e era escravo sob o cruel jugo dos bárbaros.
 Arma trezentos e dezoito escravos, nascidos em sua casa,
 para saírem no encalce do inimigo que se retira,
 a quem causava embaraços o rico tesouro
 25 dos despojos arrebatados em triunfo glorioso.
 Eis que ele desembainha a espada e, inspirado por Deus,
 põe em fuga, dilacera e esmaga
 os reis soberbos, carregados com o peso da pilhagem.
 Rompe as cadeias e liberta o que eles tinham saqueado:
 30 ouro, donzelas, crianças, jóias,
 manadas de éguas, louças, roupas, novilhas¹⁴.
 Lot esse, aliviado pelo romper das cadeias,
 ergue em liberdade o colo trilhado pelos grilhões.
 Abrão, liquidado o triunfo dos seus inimigos,
 35 regressa com a glória de ter recuperado o filho do irmão,
 de tal modo que reis pérfidos não mais terão
 sob o seu poder um descendente de estirpe fiel.
 A ele, acabado de sair de tamanho recontro,
 um sacerdote apresenta alimentos celestiais¹⁵,
 40 sacerdote de Deus, também ele rei poderoso.
 A sua misteriosa origem de uma fonte
 indefinível não revela qualquer ascendente:

¹² No vale de Sidim, o rei Codorlaomor e seus aliados, pondo em debandada os exércitos dos reis de Sodoma, de Gomorra, de Adama, de Seboim e de Segor, apoderaram-se dos bens de Sodoma e de Gomorra, de todos os víveres, de Lot e de todos os bens deste (*Gen.* 14, 8-12).

¹³ Porque uma única região era insuficiente para Abraão e Lot, seu sobrinho, se fixarem com tudo o que lhes pertencia, surgiu uma contenda. Abraão compreendeu que teriam de seguir caminhos diferentes. Pediu então a Lot que escolhesse primeiro e este decidiu instalar a sua família na planície do Jordão até Sodoma. Abraão fixou-se na terra de Canaã (*Gen.* 13, 2-12).

¹⁴ Estes dois versos apresentam um paralelismo de conteúdo que merece ser destacado. Contêm um núcleo diferente, enquanto o início e o fim do verso são idênticos. Assim temos, em 30, objectos preciosos / seres humanos / objectos preciosos; em 31, gado / utensílios domésticos / gado.

¹⁵ Os «alimentos celestiais» são o pão e o vinho que Melquiesideque ofereceu a Abraão; segundo o comentário de Migne, o epíteto de «celestiais» justifica-se por eles simbolizarem o sacramento da eucaristia (PL 60, 16 D).

Melquisedeque¹⁶; qual a sua família, quais os seus antepassados desconhece-se, somente um o conhece – Deus.

- 45 Em breve também uma tríade de anjos, de aspecto distinto, visita a cabana do hospitaleiro ancião; e Sara, concebendo, fica estupefacta ao sentir no ventre, alquebrada, o remoçar da juventude, tornando-se mãe fora do tempo; regozija-se com o herdeiro e arrepende-se de ter rido¹⁷.
- 50 Este quadro foi de antemão traçado como uma prefiguração que a nossa vida deve reproduzir com um traçado correcto: devemos estar alerta, revestidos com as armas dos fiéis corações, e toda a porção do nosso corpo, que cativa sirva um desejo torpe,
- 55 devemos libertar, reunindo forças interiores; nós somos copiosamente ricos em escravos nascidos em casa se soubermos por mística figura qual o valor de trezentos mais dezoito¹⁸. Em breve Cristo, que é o verdadeiro sacerdote,
- 60 nascido do Pai excelso e inefável, oferecendo alimento aos felizes vencedores, entrará na pequena morada do coração casto, honrando-a com a visita da Trindade¹⁹. Depois o espírito, abraçando em santo
- 65 matrimónio a alma desde há muito privada de prole, fá-la-á fecunda de semente eterna; então a mãe, na tarde da vida, de posse do seu dote, encherá a morada do Pai com um herdeiro digno.

(*Psych. praef.* 1-65²⁰)

¹⁶ Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Senhor, apresentou a Abraão pão e vinho e abençoou-o, depois de ele derrotar o rei Codorlaomor e seus aliados (*Gen.* 14, 18-20). É uma das primeiras figuras de Cristo no Antigo Testamento (*Psalms.* 109. 4; *Hebr.* 5 et 7).

¹⁷ Sara riu-se ao ouvir Deus dizer a Abraão (*Gen.* 18, 12) que lhes iria nascer um filho, como aliás já Abraão tinha rido (*Ibid.* 17, 17); Isaac significa «ele riu» (*Ibid.* 21, 6).

¹⁸ O número 318 simboliza a crucificação de Cristo, como mais adiante explicamos; cf. n. 29.

¹⁹ Alusão à eucaristia, em que a Santíssima Trindade visita o corpo, morada da alma.

²⁰ *Senex fidelis prima credendi uia / Abram, beati seminis serus pater, / adiecta cuius nomen auxit syllaba, / Abram parenti dictus Abraham Deo, / senile pignus qui dicauit uictimae, / docens, ad aram cum litare quis uelit / quod dulce cordi, quod pium, quod unicum / Deo libenter offerendum credito, / pugnare nosmet cum profanis gentibus / suasit suumque suasor exemplum dedit, / nec ante prolem coniugalem gignere, / Deo placentem, matre Virtute editam, / quam strage multa bellicosus spiritus / portenta cordis seruientis uicerit. / Victum feroces forte reges ceperant / Loth inmo-*

O prefácio da *Psychomachia* antecipa os confrontos bélicos do poema, na medida em que os inimigos de Lot, por um lado, e Abraão e os trezentos e dezoito escravos, por outro, representam o mal e o bem, os Vícios e as Virtudes respectivamente. Os reis inimigos de Lot apresentam vários dos Vícios intervenientes: Soberba, como o epíteto «soberbos» indica (*Psych.*, *praef.* 27); Avareza, patente na referência aos despojos arrebatados (*Ibid.* 24-25 e 27); Idolatria e/ou Heresia, pois, no combate que travam contra Abraão, apenas o patriarca estava *plenus Dei* (*Ibid.* 26). Tal como os reis antecipam os Vícios²¹, também Abraão antecipa as Virtudes, combatendo contra aqueles. Se os reis são as paixões, Lot representa o corpo prisioneiro das paixões e Abraão é a *mens spiritualis* que liberta o corpo das *corporales delectationes* e das *inlecebrae saeculi huius*²². O prefácio alegoriza, assim, o confronto entre o Bem e o Mal que se desenvolve nos hexâmetros. A vitória do patriarca sobre os inimigos de Lot e conseqüentemente a visita de Deus para anunciar o nasci-

rantem criminosis urbibus / Sodomae et Gomorrae, quas fouebat aduena, / pollens honore patruelis gloriae. / Abram sinistris excitatus nuntiis / audit propinquum sorte captum bellica / seruire duris barbarorum uinculis. / Armat trecentos terque senos uernulas, / pergant ut hostis terga euntis caedere, / quem gaza diues ac triumphus nobilis / captis tenebant inpeditum copiis. / Quin ipse ferrum stringit et plenus Deo / reges superbos mole praedarum graues / pellit fugatos, sauciatos proterit. / Frangit catenas et rapinam liberat: / aurum, puellas, paruulos, monilia, / greges equarum, uasa, uestem, buculas. / Loth ipse raptis expeditus nexibus / atrita bacis colla liber erigit. / Abram, triumphu dissipator hostici, / redit recepta prole fratris inclutus, / ne quam fidelis sanguinis prosapiam / uis pessimorum possideret principum. / Adhuc recentem caede de tanta uirum / donat sacerdos ferculis caelestibus, / Dei sacerdos rex et idem praepotens. / Origo cuius fonte inenarrabili / secreta nullum prodit auctorem sui, / Melchisedec, qua stirpe, quis maioribus / ignotus, uni cognitus tantum Deo. / Mox et triformis angelorum trinitas / senis reuisit hospitis mapalia, / et iam uietam Sarra in aluum fertilis / munus iuuentae mater exsanguis stupet, / herede gaudens et cachinni paenitens. / Haec ad figuram praenotata est linea, / quam nostra recto uita resculpat pede: / uigilandum in armis pectorum fidelium / omnemque nostri portionem corporis / quae capta foedae seruiat libidini, / domi coactis liberandam uiribus; / nos esse large uernularum diuites, / si, quid trecenti bis nouenis additis / possint, figura nouerimus mystica. / Mox ipse Christus, qui sacerdos uerus est, / Parente natus alto et ineffabili, / cibum beatis offerens uictoribus, / paruam pudici cordis intrabit casam, / monstrans honorem Trinitatis hospitae. / Animam deinde spiritus complexibus / pie maritam, prolis expertem diu, / faciet perenni fertilem de semine; / tunc sera dotem possidens puerpera / herede digno patris inplebit domum. (Psych. praef. 1-65).

²¹ AMBRÓSIO, no tratado *De Abraham*, desenvolveu a ideia de que os reis, inimigos de Lot, personificam o pecado ou, nas suas palavras, em 2, 7, 41, «os cinco sentidos do nosso corpo» (*quinque sensus corporis nostri*).

²² AMBR., *Abr.* 2, 7, 41.

mento de Isaac significam que a alma, depois de vencer os seus inimigos, é digna de receber a Graça de Deus²³.

Além disso, Lot e Abraão representam as duas direcções possíveis da alma humana, referidas na prece a Cristo, no final da *Psicomaquia*²⁴: a escolha de Deus (Abraão) e a escolha do pecado

²³ Não concordamos com L. COTOGNI, «Sovrapposizione di visioni e di allegorie nella *Psychomachia* di Prudenzio», *Rendiconti della Classe di Scienze morali, storiche e filologiche della Accademia dei Lincei* n.s. 6, 12, 1936, p. 441, quando defende que esta ideia já se encontrava no tratado *De Abraham*. Ambrósio considera que Abraão exemplifica todo um conjunto de virtudes (*deuotio, fides, prudentia, iustitia, charitas, parcimonia, hospitalitas*, livro 1, 5) e que os reis simbolizam os cinco sentidos (livro 2, 6); no entanto, não faz nenhum comentário que permita aquela interpretação.

²⁴ «Damos-te, ó Cristo, mestre indulgentíssimo, / graças eternas e dirigimos-Te louvores merecidos / com piedosos lábios, pois vícios torpes maculam nosso coração. / Tu quiseste que nós conhecêssemos os perigos ocultos / do invólucro corpóreo e as vicissitudes da alma lutadora. / Sabemos que no nosso confuso coração tendências opostas / se esgotam em combates alternados e, conforme o diferente / desfecho dos combates, o espírito ora desenvolve nobres / sentimentos ora, submetidas as virtudes, é arrastado / aos piores jugos da vida e entrega-se a erros ignominiosos / e suporta a perda da sua própria salvação. / Oh! quantas vezes, depois de repellido o flagelo dos vícios, / sentimos a alma inflamar-se por Deus; quantas vezes / sentimos esmorecer a natureza celestial, após gáudios puros, / e cedemos a apetites abomináveis! Fervem guerras atroztes, fervem / inclusas nos nossos membros. Clama também à luta armada / a natureza do homem sem unidade interior; o corpo, de limo / formado, pressiona a alma; pelo contrário esta, / nascida de um sopro sereno, no cárcere sombrio do coração, / fica estuante e recusa a sordidez em cadeias estreitas. / Com desejos opostos pugnam a luz e as trevas / e a nossa dupla essência vivifica forças distintas, / até que Cristo Deus venha em nosso auxílio e disponha / todas as gemas das virtudes em purificado assento / e até que, edificando, onde o pecado reinara, o pórtico / de oiro do seu templo, teça em exemplos de bom comportamento / os ornamentos da alma, para que, deleitando-se com eles / em trono digno, a opulenta Sabedoria aí reine eternamente.» (*Reddimus aeternas, indulgentissime doctor, / grates, Christe, tibi meritosque sacramus honores / ore pio; nam cor uitiorum stercore sordet. / Tu nos corporei latebrosa pericula aperti / luctantisque animae uoluisti agnoscere casus. / Nouimus ancipites nebuloso in pectore sensus / sudare alternis conflictibus et, uariato / pugnarum euentu, nunc indole crescere dextra, / nunc inclinatis uirtutibus ad iuga uitae / deteriora trahi seseque addicere noxis / turpibus et propriae iacturam ferre salutis. / O quotiens animam, uitiorum peste repulsa / sensibus incaluisse Deo; quotiens tepefactum / caeleste ingenium post gaudia candida taetro / cessisse stomacho! Feruent bella horrida, feruent / ossibus inclusa. Fremit et discordibus armis / non simplex natura hominis. Nam uiscera limo / effigiata premunt animum; contra ille, sereno / editus adflatu, nigrantis carcere cordis / aestuat et sordes arta inter uincla recusat. / Spiritibus pugnant uariis lux atque tenebrae / distantesque animat duplex substantia uires, / donec praesidio Christus Deus adsit et omnes / uirtutum gemmas componat sede piata; / atque ubi peccatum regnauerat, aurea templi / atria constituens texat spectamine morum / ornamenta animae, quibus oblectata decoro / aeternum solio diues Sapia regnet, Psych. 888-915).*

(Lot²⁵). Lot decidira instalar-se por sua livre vontade em Sodoma, cidade onde se encontrava quando os reis o capturaram. Apesar de Prudêncio não mencionar os acontecimentos subsequentes, o facto de Lot, mais tarde, se afastar da cidade por ordem de Deus²⁶ torna particularmente significativa a escolha desta personagem para exemplificar a conduta errada, já que pode querer dizer que mesmo os que começam por fazer uma opção errada podem ser salvos.

Melquesideque, o sacerdote que abençoa Abraão quando ele regressa do combate, além de introduzir no poema a tipologia eucarística²⁷, remete para o final da *Psicomaquia*, em que também é referido um sacerdote, Aarão, que detinha o ceptro da Sabedoria. Sublinha o paralelo o vocábulo *stirps*, por se aplicar tanto a Melquesideque (*Psych. praef.* 43) como à vara de Aarão (*Ibid.* 879).

Abraão é, pelas suas virtudes, uma figura paradigmática: é o pai dos crentes, o representante da Fé. A *Psychomachia* tem uma finalidade edificante e Abraão representa o *typus* do cristão, ou seja, aquele em cuja alma está edificado o templo que as Virtudes constroem no final do poema. No início do prefácio e no início dos versos hexamétricos, explicam-se os nomes Abrão e Abraão, Cristo e Deus, o que, por um lado, corrobora a ideia de uma estrutura circular e, por outro, realça a importância de Cristo²⁸.

O total de escravos que combatem contra os reis remete de novo para a simbologia numérica. Ambrósio, uma das mais importantes fontes de Prudêncio, explica que a grafia do número em grego representa a crucificação de Cristo: o T simboliza a cruz, o

²⁵ Remonta ao tratado *De Abraham* esta interpretação de Lot. Ambrósio explica que o nome significa em latim «queda» (*declinatio*): «escolhe o vício aquele que se afastou da virtude e da justiça» (*is uitia eligit qui a uirtute et ab aequitate deflectit*, 1, 3, 14).

²⁶ Prudêncio utiliza este episódio em *Hamartigenia* num passo sobre o livre arbítrio. Lot exemplifica o homem que segue Deus, ao afastar-se da cidade sem olhar para trás, e a mulher demonstra a incapacidade de vencer a tentação, já que ela volta o rosto para contemplar a cidade pela última vez. Deus castiga-a, transformando-a numa estátua de sal (*Ham.* 723-776; cf. *Gen.* 19, 26).

²⁷ Cf. A. Alves de SOUSA, «O processo de construção alegórica da *Psicomaquia* de Prudêncio», *Revista Arquipélago-Filosofia*, número em homenagem ao Professor Doutor José Enes. A respeito da tipologia eucarística consulte-se J. Daniélou, *Bible et liturgie. Le théologie biblique des sacraments et des fêtes d'après les Pères de l'Eglise*, Paris, 1958, p. 194-219.

²⁸ Com efeito, os hexâmetros começam e terminam com uma prece a Cristo, o que R. HANNA, «The Sources and the Art of Prudentius' *Psychomachia*», *Classical Philology* 72, 1977, p. 114, n. 16, comentou da seguinte maneira: «he makes the incarnate Word (his subject) the speaking voice of his poem as well».

I e o H são as primeiras letras do nome de Jesus em grego²⁹. Assim, obter uma vitória através de trezentos e dezoito soldados significa que se vence pela fé em Cristo³⁰.

3. A construção do templo

- Depois de assim falar, a rainha desce dos altos degraus; a Concórdia, companheira de tamanha obra, vem com ela, para delimitar o novo templo e lançar os alicerces. A sua vara de ouro percorre a planície, medindo os espaços, para que as quatro fachadas formem um quadrado e, por causa da diferença das junções, ângulo nenhum desfigure a esquadria exigida com uma assimetria discordante.
- 830 Do lado da Aurora estende-se uma brilhante região, iluminada por três portas. Abre-se na direcção do Austro um número tríplice de portas. A Poente três portas oferecem três entradas e outras tantas na linha do Aquilão a alta morada franqueia. Ali nenhuma pedra de cantaria se vê,
- 835 mas uma jóia totalmente côncava e com o interior coberto de talha abundante envolve o limiar com um arco reluzente; o pátio da entrada é feito de uma única pedra. Nas celsas ombreiras das portas refulgem os doze nomes do senado apostólico gravados em ouro.
- 840 O espírito com estas inscrições abarca os profundos recessos da alma e chama ao coração sentimentos edificantes; e onde viceja a natureza humana, à qual dão vida no corpo

²⁹ AMBR., *Abr.* 1, 3, 15. Para Ambrósio trezentos e dezoito «é o número da vida. Nele há vida, se acreditamos no nome e na paixão de Jesus, nosso Senhor. A alma em combate sabe quem levará consigo para terminar a contenda, com que armas se munirá, com que estandartes chefiará o combate. Não leva à frente imagens de águias nem dragões: mas avança para a peleja com a cruz de Cristo e em nome de Jesus, desta insígnia tirando a sua coragem, deste estandarte tirando a sua lealdade. Em combate encontra-se certamente a alma que recebeu a verdadeira sabedoria de um homem justo.» (*Et numerus uitalis est. In ipso enim uita, si credamus in passione in nomine Domini Iesu. ... Scit exercitata mens quos ad praelium consummandum sibi adhiberet, quibus armis instrueret, quibus ducat uexillis. Non aquilarum praeferit imagines, nec dracones: sed in cruce Christi, et in Iesu nomine progreditur ad praelium, hoc signo fortis, hoc uexillo fidelis. Merito ergo mens exercitata, quae recepit ueram sapientiam iusti uiri, Ibid.* 2, 7, 42).

³⁰ «Abraão venceu pela fé, não por dispor de um exército numeroso» (*fidei ergo merito Abraham uicit, non populoso exercitu, Abr.* 1, 3, 15). Esta interpretação não é original de Ambrósio, aparece pela primeira vez na Epístola de Barnabás do fim do século I. Prudêncio provavelmente tomou Ambrósio como fonte; cf. M. SMITH, *Op. cit.*, p. 229.

- quatro influências, o espírito penetra por três acessos
até ao altar do coração e povoa o santuário com santas preces.
- 845 Quer o sol ao nascer conduza os meninos quer um forte calor
incendeie os jovens quer a luz, plena da força da idade,
aperfeiçoe os varões quer a hora gelada do Bóreas
chame à piedade a velhice venerável na suas cãs,
surgem nas quatro encruzilhadas três nomes,
- 850 que o Rei³¹ dispõe com perfeição em honra dos doze discípulos.
Há mais do que isso. Outros tantos lustres de jóias brilham,
encastoados nas paredes e a alta luz faz brotar
das límpidas profundezas vivas crepitações de cores.
Um crisólito imenso, coberto de ouro natural,
- 855 associa-se aqui à safira³², ali ao berilo
e o brilho do meio matiza os adornos distantes.
Aqui uma calcedónia mate é inundada pelos reflexos
de um jacinto próximo; refulge perto
uma pedra de púrpura aquosa, que represa águas azuladas.
- 860 As cores das ametistas tingem uma sardónica; um jaspe
e um belo topázio tingem um sárdio³³, colocado próximo.
Entre estes enfeites, prados de esmeraldas mostram a verdura
da relva primaveril e a luz cor da relva enrola ondas errantes.
A ti igualmente visível a estrutura te insere, crisópraso
- 865 brilhante, e às cintilantes pedras acrescenta uma estrela.
A máquina de cordas rangia com as pesadas cadeias,
arreatando jóias enormes para as sublimes alturas.
Mas contrói-se um quarto interior, apoiado em sete
colunas, cindidas a partir da vítrea rocha do gélido cristal.
- 870 Cobre o seu cume uma pedra branca,
cortada em cone e, debaixo, na parte inferior,
à semelhança de uma concha, a imensa pérola que
por mil talentos a Fé comprara com ousadia,
vendendo em hasta pública riquezas e bens.
- 875 Neste trono senta-se a poderosa Sabedoria, que dá ordens a
todo o conselho do reino a partir do excelso palácio
e revê as leis da salvaguarda do homem no seu coração.
Nas mãos da soberana está um ceptro, não polido com engenho,
mas vivo, em verde lenho. Embora, cortado de um tronco,

³¹ Já não é a Fé que dirige a construção, mas Cristo.

³² A *sappirus* dos Antigos é uma pedra azul-violeta com incrustações douradas. Corresponde ao nosso lápis-lazúli; cf. TEOFR., *Lap.* 42-50; ISID., *Alleg.* 16, 9, 2.

³³ PRUDÊNCIO, por questões métricas, prefere a forma *sardius* a *sardinus*, que é a que se encontra no *Apocalipse* de João (21, 20). Não se deve confundir esta pedra com a *sardonix*. A sardónica, como o próprio nome indica, é um composto de sárdio e ónix; é, portanto, uma pedra transparente, em que o branco do ónix se combina com o vermelho do sárdio (cf. PLIN., *Nat.* 37, 86). Depois, a designação estendeu-se a todas as pedras que sobrepõem várias camadas de cores distintas (*Ibid.* 37, 86).

880 não o alimento humidade alguma de leiva terrestre,
 todavia floresce com intacta folhagem e às rosas tingidas
 de sangue mistura entrelaçados lírios brancos³⁴,
 que ignoram quando colarão a flor ao caule murcho.
 Tem este ceptro a forma da florida vara de Aarão,

885 que, fazendo brotar rebentos da casca seca,
 desdobrou enfeite aprazível em remoçada esperança
 e a seca vara subitamente intumescceu de frutos novos.

(Psych. 823-887³⁵)

³⁴ As rosas são convencionalmente associadas aos mártires, que constituem a legião da Fé (Psych. 37) e os lírios às virgens, que constituem o exército da Pudicícia (Ibid. 56-57); cf. R. HANNA, *op. cit.*, p. 114.

³⁵ *Haec ubi dicta dedit, gradibus regina superbis / desiluit tantique operis
 Concordia consors, / metatura nouum iacto fundamine templum. / Aurea planitiem
 spatii percurrit harundo / dimensis, quadrent ut quattuor undique frontes, / ne comis-
 suris distantibus angulus inpar / argutam mutilet per dissona semetra normam. /
 Aurorae de parte tribus plaga lucida portis / inlustrata patet; triplex aperitur ad
 austrum / portarum numerus; tris occidualibus offert / ianua trina fores; totiens aqui-
 lonis ad axem / panditur alta domus. Nullum illic structile saxum, / sed caua per
 solidum multoque forata dolatu / gemma relucenti limen conplectitur arcu / uestibu-
 lumque lapis penetrabile concipit unus. / Portarum summis inscripta in postibus auro
 / nomina apostolici fulgent bis sena senatus. / Spiritus his titulis arcana recondita
 mentis / ambit et electos uocat in praecordia sensus; / quaque hominis natura uiget,
 quam corpore toto / quadrava uis animat, trinis ingressibus aram / cordis adit
 castisque colit sacraria uotis. / Seu pueros sol primus agat, seu feruor ephebos /
 incendat nimius, seu consummabilis aevi / perficiat lux plena uiros, siue algida Borrae
 / aetas decrepitam uocet ad pia sacra senectam, / occurrit trinum quadrina ad competa
 nomen, / quod bene discipulis disponit Rex duodenis. / Quin etiam totidem gemmarum
 insignia textis / parietibus distincta micant animasque colorum / uiuentes liquido lux
 euomit alta profundo. / Ingens chrysolitus natiuo interlitus auro / hinc sibi sappirum
 sociauerat inde beryllum, / distantesque nitor medius uariabat honores. / Hic calcedon
 hebes perfunditur ex yacinthi / lumine uicino; nam forte cyanea propter / stagna lapis
 cohibens ostro fulgebat aquoso. / Sardonicem pingunt ametystina; pingit iaspis /
 sardium iuxta adpositum pulcherque topazon. / Has inter species smaragdina gramine
 uerno / prata uirent uoluitque uagos lux herbida fluctus. / Te quoque conspicuum struc-
 tura interserit, ardens / chrysopraxe, et sidus saxis stellantibus addit. / Stridebat
 grauidis funalis machina uinclis, / immensa rapiens alta ad fastigia gemmas. / At
 domus interior septem subnixa columnis / crystalli algentis uitrea de rupe recisis /
 construitur. Quarum tegit edita calculus albens / in conum caesus capita et sinuamine
 subter / subductus conchae in speciem, quod mille talenti / margaritum ingens
 opibusque et censibus haetae / addictis, animosa Fides mercata pararat. / Hoc residet
 solio pollens Sapientia et omne / consilium regni celsa disponit ab aula / tutandique
 hominis leges sub corde retractat. / In manibus dominae sceptrum non arte politum /
 sed ligno uiuum uiridi est. Quod stirpe recisum / quamuis nullus alat terreni caespitis
 umor, / fronde tamen uiret incolumi, tum sanguine tinctis / intertexta rosis candentia
 lilia miscet, / nescia marcenti florem submittere collo. / Huius forma fuit sceptri
 gestamen Aaron / floriferum, sicco quod germina cortice trudens / explicuit tenerum spe
 pubescente decorem / inque nouos subito tumuit uirga arida fetus (Psych. 823-887).*

O tema da edificação de um castelo, de uma casa, de um templo ou de uma cidade é um *topos* importante da literatura religiosa, doutrinal e espiritual³⁶. No poema *Contra orationem Symmachi* Prudêncio diz que Deus nos reclama a homenagem de um templo não de pedra, mas do nosso espírito³⁷ e, de facto, na *Psicomachia*, as Virtudes constroem o templo na alma. É Paulo quem fala do corpo purificado do homem como sendo o templo de Deus³⁸. Esta *ekphrasis*, tão ao gosto do poesia épica³⁹, remete para o episódio da edificação do templo de Salomão por David. A Fé está associada à construção, em primeiro lugar por ser ela que menciona aquele passo bíblico; além disso, é ela que dirige a obra quer no poema épico quer num poema do *Peristephanon*⁴⁰ e, no *Contra orationem Symmachi*⁴¹, dentro do templo encontram-se os seus alicerces de ouro⁴².

As figuras bíblicas que a Fé refere, David e Salomão, definem-na. Com efeito, a Virtude age em relação aos Vícios, como David em relação aos Filisteus, mostrando-se uma guerreira enérgica. E, ao viver uma situação de paz, também constrói um templo. Na *Psychomachia*, no trono desse templo senta-se a Sabedoria; também Salomão, na primeira fase do seu reinado, pede sabedoria em vez de riquezas. E a Fé encoraja as Virtudes a construírem uma morada que receba Cristo, do mesmo modo que Salomão erige um templo para receber a Arca (*Psych.* 805-808). As diferenças são, ainda assim, consideráveis: o templo de Salomão é simétrico, mas

³⁶ Para JERÓNIMO o trabalho de um exegeta é o da construção de um edifício: depois de lançados os alicerces, é preciso edificar as paredes e, em seguida, colocar o tecto; cf. H, *In Is.* 6, *prol.* Segundo GREGÓRIO, «Primeiro, colocamos os alicerces da história; depois, erigimos a morada da alma no seu sentido próprio, à maneira de cidadela da fé; por fim, revestimos também o edifício de uma cor como que acrescentada pela graça da moralidade» (*Primum quidem fundamenta historiae ponimus; deinde per significationem typicam in arcem fidei fabricam mentis erigimus; ad extremum quoque per moralitatis gratiam quasi superducto aedificium colore uestimus*, *Mor.*, ep. miss., 3).

³⁷ *C. Symm.* 2, 839-842; cf. *C. Symm.* 2, 249-255; *Cath.* 4, 16-27; *Per.* 10, 346-360.

³⁸ *I Cor.* 3, 16; *II Cor.* 6, 16. Conforme sublinha P. F. BEATRICE, «L'allegoria nella *Psychomachia* di Prudenzi», *Studia Patavina* 18, 1971, p. 58, n. 77, «Dopo S. Paolo, il tema dell' inabitazione della divinità nell' 'anima costituisce il *punctum saliens* della spiritualità cristiana».

³⁹ Recorde-se, por exemplo, a longa descrição do escudo de Eneias no canto VIII da *Eneida* de VERGÍLIO.

⁴⁰ *Per.* 10, 346-365.

⁴¹ *C. Symm.* 2, 249-255.

⁴² AMBRÓSIO, *Cain et Ab.* 2, 3, 10, via na fé «um sólido muro». GREGÓRIO, *Mor.* 28, 9, 20, fala da fé como o alicerce colocado numa terra bendita, que é a alma justa para construir o edifício das Virtudes.

não forma um quadrado (60 côvados de comprimento, 20 de largura e 30 de altura⁴³), apenas o Santo dos Santos forma um quadrado⁴⁴; tem uma única fachada⁴⁵; é adornado com ouro⁴⁶ e, segundo os Paralipómenos, com pedras preciosas⁴⁷, embora não se especifiquem quais, e não se referem nem as pérolas nem o cristal que encontramos na *Psychomachia*.

Todas estas diferenças, no entanto, estão devidamente fundamentadas. Na verdade, o facto de o edifício se apoiar em sete colunas justifica-se por, no Livro dos Provérbios, a casa da Sabedoria ter um número idêntico de colunas (*Psych.* 868)⁴⁸. O templo descrito por Prudêncio tem doze portas (*Ibid.* 832-4), tal como o templo descrito por Ezequiel⁴⁹, e ambos apresentam uma forma quadrada (*Psych.* 826-834)⁵⁰. O número quatro é, além disso, o número dos Evangelhos, dos pontos cardeais e das idades do homem. Na Idade Média, o quatro sugere também a imagem do homem quadrado: o homem com os braços estendidos e os pés juntos, de que Cristo é o exemplo por excelência⁵¹. Em Ezequiel o tema do Templo surge associado ao do Paraíso: sob o limiar do templo jorram águas⁵² e em toda a parte «aonde chegar a torrente (...) haverá grande quantidade de peixes»⁵³. A associação destes dois

⁴³ *I Reg.* 6, 1; *II Par.* 3, 3. A disposição e as medidas dos querubins e das colunas também corroboram a simetria de construção; cf. *I Reg.* 6, 23-27; *II Par.* 3, 10-13, 17.

⁴⁴ *II Par.* 3, 8. No Livro dos Reis apresenta a forma de um cubo, pois diz-se que a altura iguala o comprimento e a largura; cf. *I Reg.* 6, 20.

⁴⁵ *I Reg.* 6 3; *II Par.* 3, 4.

⁴⁶ *I Reg.* 6, 20-22; *II Par.* 3, 4-6.

⁴⁷ *II Par.* 3, 6.

⁴⁸ *Prou.* 9, 1.

⁴⁹ *Ezech.* 40-48. As portas têm grande importância, porque conduzem à vida eterna; cf. M.-M. DAVY, *Essai sur la symbolique romane (XIIe siècle)*, Paris, 1955, p. 147-8.

⁵⁰ *Ezech.* 48, 31-35. Esta forma explica-se pelo facto de, na cosmologia semita, o universo apresentar a forma de um cubo; cf. J. DANIELOU, *Etudes d'exégèse judéo-chrétienne (les testimonia)*, Paris, 1966, p. 134. O pormenor na descrição destes templos (templo de Salomão e de Ezequiel sobretudo) levou a que os arquitectos da Idade Média os tomassem como modelos para a construção de igrejas. Na verdade, as igrejas cistercienses dos princípios do século XII, em França e em Inglaterra, têm uma forma quadrada; cf. C. HEITZ, «Symbolisme et architecture», in: *Simboli e simbologia nell' alto medioevo*, vol 1, Spoleto, 1976, p. 400.

⁵¹ cf. M.-M. DAVY, *Op. cit.*, p. 132 e M.-Th. D'ALVERNY, «L' homme comme symbole. Le microcosme», in: G. ERMINI, *Simboli e simbologia nell' alto medioevo*, Spoleto, 1976, vol. 1, p. 123-195.

⁵² *Ezech.* 47, 1.

⁵³ *quocumque uenerit torrens (...) erunt pisces multi satis (Ezech. 47, 9).*

temas é frequente: no Apocalipse, do trono de Deus e do Cordeiro brota um rio de água viva que faz crescer as árvores de vida⁵⁴. Na *Psychomachia*, está implícito o tema do Paraíso na comparação das esmeraldas com prados de relva primaveril (*Psych.* 862-3), na sua luz cor de relva (*Ibid.* 863), no ceptro da Sabedoria coberto de folhagem, rosas e lírios (*Ibid.* 880-1) e no traço de perenidade das flores que o adornam (*Ibid.* 883). Além disso, os lírios e as rosas que brotam do ceptro podem também ser símbolos do corpo e do sangue de Cristo⁵⁵, o que mais uma vez nos conduz à tipologia eucarística do poema⁵⁶.

Mas o livro bíblico parafraseado na descrição do templo é o Apocalipse, em que se descreve a nova Jerusalém, cidade celeste, que é toda ela um templo. A *Psychomachia* termina, portanto, com o fim da história da salvação. Porque a descrição do templo é precedida da alusão a um episódio que pertence ao Êxodo, a travessia do Mar Vermelho pelos Hebreus, citada na comparação das Virtudes com os Hebreus (*Psych.* 650-662), Prudêncio apresenta no seu poema o percurso bíblico do Êxodo à Escatologia. O Apocalipse de João mostra a vitória dos eleitos sobre a morte, concebida como o Livro do Êxodo⁵⁷, a *Psychomachia* mostra a vitória das

⁵⁴ *Apoc.* 22, 1-2. Sobre a relação entre *Ezequiel* e o *Apocalipse* consulte-se A. VANHOYE «*Ezéchiél dans l'Apocalypse*» *Biblica* 43, 1962, p. 436-476. Os rios de água viva que brotam do templo encontram-se também no *Qumrân*; cf. J. DANIELOU, *Etudes d'exégèse judéo-chrétienne (les testimonia)*, Paris, 1966, p. 123. É, portanto, possível que o *Apocalipse* tenha sofrido influência da descrição da Nova Jerusalém do *Qumrân*, pois aí temos o primeiro desenvolvimento do texto de Ezequiel; cf. *Ibid.*, p. 134.

⁵⁵ M. SMITH, *Op. cit.*, p. 218

⁵⁶ O banquete, símbolo da eucaristia, aparece na Sagrada Escritura associado ao templo: a Sabedoria «edificou a sua morada / talhou sete colunas; matou os seus animais, preparou o vinho e dispôs a mesa» (*Prou.* 9, 1-2).

⁵⁷ A comparação entre a travessia do Mar Vermelho (Êxodo) e os que passaram o mar, vencendo a fera, *i. e.*, aqueles que triunfaram da morte (Apocalipse) é explícita: «Vi também como que um mar transparente, matizado de fogo, e os vencedores, que haviam escapado à besta, à sua imagem e ao número do seu nome, conservavam-se de pé sobre ele com as cítaras de Deus. Cantavam o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: 'grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso. Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, Rei dos séculos! Quem não temerá, Senhor, e não glorificará o Teu nome? Só Tu és santo e todas as nações virão prostrar-se diante de Ti, porque se tornou manifesta a rectidão dos Teus juízos'» (*Et uidi tamquam mare uitreum mixtum igne, et eos qui uicerunt bestiam et imaginem illius et numerum nominis eius, stantes supra mare uitreum habentes ciitharas Dei, et cantant canticum Mosi serui Dei, et canticum agni dicentes: «magna et mirabilia opera tua, Domine, Deus omnipotens, iustae et uerae*

Virtudes sobre os Vícios seguindo de perto o livro de João, que articula com o Êxodo recorrendo ao símile da travessia do Mar Vermelho.

O templo descrito por Prudêncio apresenta, portanto, uma estrutura idêntica à da cidade celeste. Do mesmo modo a medição do espaço faz-se com uma vara de ouro; o espaço forma um quadrado; doze portas o adornam, três em cada fachada; nas portas estão gravados os doze nomes dos Apóstolos; doze pedras preciosas constituem o ornamento – o crisólito, a safira, o berilo, a calcedônia, o jacinto, a sardónica, a ametista, o jaspe, o sárdio, o topázio, a esmeralda e o crisópraso⁵⁸; em ambos os textos aparecem a pérola e o cristal; e, por fim, temos o trono da Sabedoria (*Psych.* 875) que é o mesmo que dizer o trono de Deus e do Cordeiro⁵⁹.

O tecto do Santo dos Santos consiste numa pedra branca em forma de cone, cuja parte inferior está revestida por uma «imensa pérola» (*Psych.* 868-873), símbolo do Reino dos Céus. A Fé comprou-a vendendo «em hasta pública riquezas e bens» (*Ibid.* 871-874), atitude inspirada na parábola de Cristo acerca de um comerciante que vende todos os bens materiais para comprar «uma pérola de grande valor»⁶⁰.

uiaae tuae, rex saeculorum! Quis non timebit, Domine, et magnificabit nomen tuum, quia solus pius, quoniam iudicia tua manifestata sunt, Apoc. 15, 2-4). Neste passo reconhecemos na besta o Faraó, figura do demónio, e o povo hebreu nos servidores de Deus que atravessaram o mar. A respeito da importância do cântico de Maria, irmã de Moisés, como uma reminiscência da celebração litúrgica da saída do Egipto consulte-se J. Daniélou, *Op. cit.*; Idem, «Lectures et cantiques», *La Maison-Dieu* 26, p. 34-40. Deus manifesta-se de modo muito semelhante em ambos os textos: no Apocalipse lemos: «e houve trovões, vozes, relâmpagos e terremotos» (*et facta sunt tonitrua et uoces et fulgura et terraemotus, Apoc. 8, 5*), preparando-se para tocar as sete trombetas «os sete anjos» (*septem angeli qui habebant septem tubas parauerunt se ut tuba canerent, Ibid. 6*), «que estão de pé diante de Deus» (*stantes in conspectu Dei, Ibid. 4*). No Êxodo lemos «começou a ouvir-se o ribombar dos trovões e a ver-se o reluzir dos clarões; uma espessa nuvem cobria a montanha e o som da trombeta soou com força» (*coeperunt audiri tonitrua ac micare fulgura et nubes densissima operire montem clangorque bucinæ uehementius perstrepebat, Exod. 19, 16*). Os castigos infligidos aos inimigos de Deus retomam as sete pragas do Egipto: granizo (*Apoc. 8, 7; Exod. 8, 13-35*), mar transformado em sangue (*Apoc. 8, 8; 16, 3 e Exod. 7, 14-25*), trevas (*Apoc. 8, 12; 16, 10; Exod. 10, 21-29*), gafanhotos (*Apoc. 9, 3; Exod. 10, 1-20*).

⁵⁸ Apenas a ordem de enumeração das pedras difere; seguimos a ordem por que aparecem na *Psychomachia*.

⁵⁹ *Apoc. 22, 3*.

⁶⁰ *Matth. 13, 45-46*.

É muito significativo que Prudêncio para terminar o poema tome como modelo a cidade celeste do Apocalipse. A construção principal que condiciona todas as construções espirituais é a construção da Igreja. A Igreja, por sua vez, corresponde à Nova Jerusalém, cidade celeste. Surge na Galileia, e é Deus quem a constrói. Os quatro ângulos da Sua morada (*Psych.* 827-829) representam os quatro grandes mistérios de Cristo: a encarnação, a paixão, a ressurreição, a ascensão. Os livros da Sagrada Escritura fornecem as sete grandes colunas que sustentam o tecto (*Ibid.* 868-870): Livro dos Salmos, Livro dos Provérbios, Livro do Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Livro da Sabedoria, Apocalipse. As pedras preciosas (*Ibid.* 851-867) representam os primeiros mestres da Igreja que ouviram do Senhor a palavra da salvação, ou seja, os Apóstolos. A Igreja visível e material é o signo desta grande Igreja e cada uma das suas cerimónias simboliza um aspecto da obra que deve ser realizada por cada um de nós, para nos tornarmos morada de Deus.

O templo construído no final da *Psychomachia* e que teria como correspondente a edificação da cidade fundada por Eneias ⁶¹ deixa claro que à influência de Vergílio se sobrepõe uma outra de tipo escatológico. O objectivo final da leitura do poema de Prudêncio é o acolhimento de Cristo na alma: o templo é espiritual. A interpretação do poema deve ser psicológico-espiritual e não eclesiológica. Recorrendo a um discurso dualista, em que o Bem e Mal se defrontam constantemente, Prudêncio exorta os leitores a um exame interior, de forma a eliminarem o pecado. Há que seguir o exemplo de fé de Abraão. A fé professada é trinitária e cristológica: a Trindade é fonte de vida, Cristo é o Mediador entre Deus e o Homem, sendo Ele próprio Deus e Homem: «Tu que tiras glória do poder do Pai e do teu próprio, que são um só, / (de facto um único Deus honramos sob um e outro nome, / não é todavia uma única pessoa divina, pois Tu és Deus, nascido do Pai, ó Cristo» ⁶².

⁶¹ Cf. M. SMITH, *Op. cit.*, p. 238: «The Building of New Troy Remains a Matter of Prophecy. The *Psychomachia* corrects all this».

⁶² *qui patria uirtute cluis propriaque, sed una, / (unum namque Deum colimus de nomine utroque, / non tamen et solum, quia Tu Deus ex Patre, Christe) (Psych. 2-4).* No discurso da Pudicícia, lemos: «Desde então é divina toda a carne que O concebe / e toma a natureza de Deus associando-se-Lhe. / Pois o Verbo tornado carne não deixou de ser / aquilo que fora, o Verbo e a si associa a experiência da carne; / a sua glória não diminui pela experiência da carne, / mas impele os desditosos mortais

para o que é nobre» (*Inde omnis iam diua caro est, quae concipit illum / naturamque Dei consortis foedere sumit. / Verbum quippe caro factum non destitit esse / quod fuerat, Verbum, dum carnis glutinat usum; / maiestate quidem non degenerante per usum / carnis, sed miseros ad nobiliora trahente. (Ibid. 76-81)*). Por sua vez, a Concórdia diz: «E assim como entre o homem e Deus intervém Jesus, como mediador, / que associa a natureza humana ao Pai, para a carne não se afastar / do espírito eterno e para um e outro serem o mesmo Deus, / assim tudo o que fazemos por ação da alma e do corpo / um único espírito o configure em estrutura uniforme» (*Vtque homini atque Deo medius interuenit Iesus, / qui sociat mortale patri ne carnea distent / spiritui aeterno sitque ut Deus unus utrumque, / sic quidquid gerimus mentisque et corporis actu, / spiritus unimodis textat compagibus unus, Ibid. 764-768*).

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA